

**A INTERSECÇÃO ENTRE DESINFORMAÇÃO, RELIGIÃO E PANDEMIA:
A ATUAÇÃO DE CANAIS RELIGIOSOS NO YOUTUBE NO CONTEXTO DA
COVID-19**

**Michele Goulart Massuchin¹
Marcela Barba Santos²**

RESUMO

Este artigo discute a interseção entre desinformação e religião a partir de canais do YouTube tendo como cenário a pandemia de COVID-19. Para tanto, são analisados 75 materiais audiovisuais postados em dois canais do YouTube – do Pastor Silas Malafaia e do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. No contexto da pandemia, tal tema permeou o debate de distintas áreas, dentre elas a religiosa. No entanto, muitas vezes esses conteúdos corroboravam com o que a OMS denominou como “infodemia” e com o processo de desinformação, já que diversos elementos contestatórios aos protocolos de saúde e sem qualquer evidência científica eram divulgados e circulavam, em especial, a partir de vídeos em mídias sociais, incluindo o YouTube. Em função da centralidade que a religião ocupa no cenário brasileiro, tais discursos possuem alcance e relevância na conformação do ambiente informacional dos indivíduos. Portanto, nesta pesquisa, buscou-se identificar as principais narrativas e elementos argumentativos encontrados nos vídeos dos dois canais que faziam qualquer tipo de referência à pandemia. Dentre os principais resultados destacam-se as narrativas que evidenciam teorias conspiratórias, o descrédito à imprensa e a associação ao pânico e ao excesso de atenção em relação ao tema. Ademais, tais discursos são múltiplos e aparecem de forma distinta nos canais, o que reforça a complexidade do diálogo entre a desordem informativa e o papel desempenhado por influenciadores religiosos no ambiente digital.

PALAVRAS-CHAVE: desinformação, religião, pandemia, COVID-19, YouTube.

**DESINFORMATION AND RELIGION DURING COVID-19 PANDEMIC:
AN INTERSECTION MADE POSSIBLE BY RELIGION CHANNELS ON
YOUTUBE**

ABSTRACT

This article discusses the intersection between disinformation and religion by YouTube channels during the COVID-19 pandemic. To this research, 75 audiovisual materials posted on two YouTube channels - Pastor Silas Malafaia and Instituto Plínio Corrêa de Oliveira - are analyzed. In the context of the pandemic, this theme permeated the debate in different areas, including the religious aspects. However, many times, such content corroborated with what the WHO called “infodemia” and with the disinformation in

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (CPOP). E-mail: mimassuchin@gmail.com.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (CPOP). Bolsista CAPES. E-mail: barba.mbs@gmail.com.

2020. Several contestative discourse about health protocols and without scientific evidence were produced, disseminated and circulated, especially, by videos on social media, including YouTube. Due to the centrality that religion occupies in the Brazilian scenario, such discourses are relevance in shaping the informational environment of individuals. So, for this research, we identify the main narratives and argumentative elements found in the videos of the two channels that presented reference to the pandemic. Among the main results, we found some main narratives: evidence of conspiracy theories, the discredit of the press and the discourse of panic and exaggeration about another discourses. In addition, such discourses are multiple and appear in different ways on the channels, which reinforces the complexity of the dialogue between the information disorder and the role of religious influencers in the digital environment.

KEYWORDS: disinformation, religion, pandemic, COVID-19, YouTube.

INTRODUÇÃO

“Não vou fechar igreja coisíssima nenhuma”. “Ao invés de você ler essas notícias que falam de morte e de quarentena, da epidemia e pandemia, olhe para a palavra de Deus e tome sua fé na palavra de Deus, porque essa, sim, faz você ficar imune a qualquer praga e a qualquer vírus, inclusive o coronavírus”. “Não precisa ter medo de jeito algum”³. Estes são exemplos de discursos proferidos em canais de YouTube de cunho religioso ao longo da pandemia. Embora possam não representar as instituições, falas e posicionamentos carregam a credibilidade depositada previamente nos atores e representantes, já que são figuras públicas. Além disso, ganham repercussão diante dos fiéis e circulam conjuntamente a outros argumentos nas redes sociais, a exemplo de matérias publicadas a respeito das mensagens enunciadas por lideranças religiosas⁴ e o engajamento nas suas mídias sociais. É a partir deste ponto que argumentamos neste artigo, com base em um estudo sobre canais no YouTube de influenciadores religiosos, a existência de uma intersecção entre religião e desinformação que ficou evidente durante a pandemia.

³ As frases foram mencionadas pelos pastores Silas Malafaia, Edir Macedo e RR Soares, respectivamente. Ver em: [https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/03/17/de-cultos-online-a-nao-leia-noticias-](https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/03/17/de-cultos-online-a-nao-leia-noticias-sobre-pandemia-como-as-religioes-estao-lidando-com-o-coronavirus-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola)

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51920196>.

⁴ Aponta-se como exemplo as matérias: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51920196>, <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2020/12/15/video--pastor-cearense-diz-que-vacina-chinesa-da-covid-causa-cancer-e-hiv.html> e <https://www.otempo.com.br/brasil/pastor-valdemiro-cita-kalil-em-culto-lotado-quem-enfrenta-deus-e-louco-1.2468009>

Importa neste contexto os dados de pesquisas de opinião pública e diversos estudos recentes que indicam que a religião agrega mais confiança que outras instituições, tais como a imprensa, o congresso nacional, os partidos políticos e a própria ciência (GFK VEREIN, 2015; WORLD VALUES SURVEY, 2017; A CARA DA DEMOCRACIA NO BRASIL, 2020), além de ter sido historicamente central na política brasileira, nunca perdendo seu privilégio (SILVA, 2017). Além disso, apenas 10% da população brasileira diz não pertencer a nenhuma religião (DATAFOLHA, 2020). Dos 90% religiosos, 50% se dizem católicos e 31% evangélicos. Embora Pierucci (2013) tenha mostrado um declínio do catolicismo no Brasil, as religiões tradicionais, católica e evangélica, ainda são maioria. Neste sentido, pode-se considerar que tais instituições e seus representantes, ao proferirem seus discursos, tendem a ter credibilidade independente do assunto ou contexto.

Isso ocorre porque a credibilidade depositada é transferida para distintos cenários. É desta mesma forma que se dá também o aumento gradativo de atores religiosos no cenário político (ORO, 2003; GERARDI, 2016; CASSOTA, 2016), com especial destaque a 2020 quando mais de 8000 candidatos usaram títulos religiosos no nome de urna⁵. Por isso, este trabalho se preocupa com o discurso religioso no contexto da pandemia, já que ele tende a ser referência para a população, especialmente para aqueles com vínculo significativo e que veem tais instituições como centrais em seu cotidiano e que usam “a religiosidade como mediação fundamental no processo de confiança” (SACRAMENTO; PAIVA, 2020, p.95).

O problema a ser discutido neste artigo, no entanto, não está na centralidade da religião na sociedade brasileira. Este é apenas o contexto que torna a discussão relevante. O que nos interessa é estudar os discursos proferidos por determinados atores religiosos e sua relação com o cenário da pandemia. Partimos dos achados de Machado et al (2020) sobre a rede de discursos religiosos sobre a COVID-19, a qual é considerada uma das mais relevantes no YouTube, com milhares de visualizações e mais de 140 horas de vídeos mapeados no primeiro semestre de 2020. Embora o trabalho de Machado et al (2020) identifique diversas redes bastante heterogêneas, nos debruçamos apenas sobre uma delas, a religiosa, e tendo como foco dois dos canais: do

⁵ Ver em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/10/01/mais-de-87-mil-candidatos-adotam-titulos-religiosos-no-nome-de-urna.ghtml>.

pastor Silas Malafaia e do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. Ambos possuem significativo número de seguidores e tiveram, ao longo de 2020, uma produção bastante consistente que trazia o debate sobre a pandemia para o âmbito religioso. Ou seja, a junção do vocabulário religioso e da pandemia foi frequente nos discursos proferidos e que circularam nos canais do YouTube analisados. Ressalta-se que os canais representam duas diferentes vertentes cristãs, o que justifica o mapeamento de ambos, verificando inclusive similaridades e diferenças.

Conforme evidenciam Machado et al (2020), não haveria qualquer impedimento da inserção de tal debate sobre a pandemia no cenário religioso. A questão que chama a atenção é que parte do discurso proferido pelos representantes religiosos dão exemplos de desqualificação da ciência e da manutenção de discursos sem qualquer comprovação científica, o que além de colocar em xeque o espaço destinado às instituições científicas, com a perda de referência como agentes que organizam as noções de verdade em momentos de conflitos, corrobora com o ambiente de desinformação. Embora não seja um conceito novo ou que tenha surgido no âmbito de crises de saúde pública, a desinformação ganhou um espaço considerável ao longo de 2020 com o cenário da pandemia, sendo referenciada pela OMS e motivo de diversas campanhas, especialmente por conta da produção, distribuição e circulação de informações variadas por meio das redes sociais digitais (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

Central entre os canais de desinformação, está o YouTube, que tende a ser usado para o acervo deste tipo de conteúdo (MONT'ALVERNE E MITOZO, 2019), especialmente por conta da dificuldade de análise e monitoramento dos conteúdos produzidos (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019). Ou seja, há menor controle da desinformação. A partir disso, tais conteúdos são impulsionados por outras redes sociais, como o WhatsApp (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), ganhando ampla dimensão e, por isso, alcançam tantas visualizações. Ademais, segundo a Pesquisa Viewviewers (2018), 86% dos brasileiros dizem consumir material audiovisual online e o YouTube lidera a preferência por vídeos (42%). Dessa forma, este artigo busca observar a junção do discurso desinformativo, da religião e da pandemia a partir do YouTube que, inclusive, cresceu em acessos no Brasil (NEWMAN et al., 2020).

Apesar do trabalho de Machado et al (2020) trazer alguns *insights* sobre o discurso que circula na rede religiosa do YouTube e que contribui com o ambiente de desinformação no contexto da pandemia, este artigo analisa de forma sistematizada tais discursos, a partir das narrativas e argumentos presentes nos vídeos. Para tanto, são observados a partir da análise de conteúdo (BAUER, 2002; KRIPENDORFF, 2004), variáveis mapeadas a partir de uma “leitura flutuante” (BARDIN, 1977) e de discussões prévias presentes em outras análises (SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Em relação à extração dos materiais, foram selecionados todos os vídeos que mencionavam as seguintes palavras-chave: coronavírus, covid e pandemia.

A coleta foi realizada por meio da ferramenta Facepager, considerando os títulos e descrições dos conteúdos publicados entre março e novembro de 2020, totalizando 75 vídeos, sendo 30 do Malafaia e 45 do IPCO. As possibilidades de narrativas foram construídas, portanto, *a priori*, totalizando 11 variáveis de presença ou ausência, sendo que não são mutuamente excludentes. Ou seja, um mesmo vídeo pode apresentar múltiplas narrativas que caracterizam e inter-relação entre pandemia, religião e desinformação. Já no caso dos argumentos, estes foram mapeados e agregados *a posteriori* a partir de sua similaridade e aparecem distribuídos na análise ao lado de exemplos.

A CENTRALIDADE DA RELIGIÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO

O Brasil, um país majoritariamente cristão, no qual mais de 80% da população divide-se entre católicos e evangélicos (FOLHA DE S. PAULO, 2020), vivencia a influência da religião em interseccionamentos com diferentes áreas, como a midiática, a política e, conforme apontamos neste estudo, de saúde pública. Atentos à importância deste vínculo, encontramos na literatura uma gama de estudos que refletem sobre este cruzamento entre política e religião (GOLDSTEIN, 2020; MARIANO, 1992; ORO; MARIANO, 2009; PRANDI; SANTOS, 2017; PRANDI; SANTOS; BONATO, 2019), assim como também há os que dialogam especificamente com o encontro da mídia nesta relação (ALVES; CASSOTTA, 2020; MARTINO, 2017; MEZZOMO; ANJOS; PÁTARO, 2020).

O envolvimento religioso no cenário político nacional é histórico. O destaque católico, por exemplo, inicia desde o período colonial, passando pelo Império e República (ALENCAR, 2020), envolvendo-se, inclusive, na elaboração das cartas constitucionais (SILVA, 2017). Esta soberania católica, no entanto, passa a diminuir principalmente a partir de meados da década de 1980, quando os evangélicos, notadamente neopentecostais, ascendem à arena eleitoral. Sua aproximação à política, antes praticamente inexistente, ocorre a partir de justificativas morais, como o combate a descriminalização do aborto, defesa da moral cristã e da família e por pautas também associadas à demanda por “concessões de emissoras de rádio e tevê e de recursos públicos para suas organizações religiosas e assistenciais” (MARIANO, 2011, p. 251).

Verifica-se neste período o nascimento da Bancada Evangélica (SIEPIERSKI, 1997) e o princípio da midiaticização de algumas instituições religiosas (MARTINO, 2017), por meio da criação de diversos canais e programas televisivos, tanto evangélicos quanto católicos (MARIANO, 2011). Note-se que esta relevância da religião na comunicação não se limita apenas ao espaço televisivo, uma vez que diversos religiosos ostentam forte presença nas mídias sociais digitais, a exemplo do pastor Silas Malafaia, aqui estudado, que agrega mais de 3 milhões de seguidores em sua página do Facebook, em paralelo à atuação em demais redes e ao seu programa televisivo Vitória em Cristo, transmitido pela Rede TV e Rede Bandeirantes.

Martino (2017) afirma que a igreja aparenta conquistar força como um jogador que atua nos espaços políticos, potencializada a partir de suas relações midiáticas, estabelece suas concepções e pontos de vista. Assim, a propagação de suas visões de mundo ultrapassa o campo privado e impacta o público. Ainda que o Estado seja laico, Mariano (2011, p. 251) aponta como os sujeitos políticos contribuem para esta ocupação religiosa da esfera pública: fortalecendo “a instrumentalização mútua entre religião e política” e legitimando e estimulando o ativismo político-partidário destes grupos.

Deste modo, a midiaticização religiosa⁶, incluindo a elevada presença de lideranças e fiéis influenciadores nas mídias sociais, torna-se, em certa medida, um

⁶ A midiaticização religiosa, conforme elucida Bellotti (2018, p. 14), vai além do simples uso das mídias para veiculação de mensagens eclesiais, ela engloba a integração da comunicação midiática entre fiéis e líderes religiosos, “ressignificando as experiências religiosas e as maneiras como as tradições religiosas

desejado e moderno espaço de capital político, visto que historicamente candidatos buscam o apoio desses setores, numa pretensão de transformar fiéis em eleitores. Além desta reiteração de candidatos em períodos eleitorais, estes canais também servem para acentuar a opinião de fiéis que compartilham de suas visões, como no caso de decisões que caberiam ao campo da saúde pública, a exemplo da descriminalização do aborto, tema no qual os neopentecostais são enfaticamente contrários desde a sua aproximação à esfera política (MARIANO, 2011; PRANDI; SANTOS, 2017).

A influência dos religiosos na sociedade pode também ser compreendida a partir do grau de confiança que a população dedica às igrejas. Segundo dados apresentados pelo IBOPE (2019), elas estão entre as três instituições com maior índice de confiança no Brasil, atrás apenas do Corpo de Bombeiros e Polícia Federal. Com um índice que se sobressai aos meios de comunicação, governos e sistema público de saúde, a figura religiosa traz consigo uma credibilidade que pode, no entanto, apresentar-se de forma delicada em tempos de pandemia, na qual a ciência deveria ter uma voz mais importante que a eclesiástica. Assim, dado a centralidade religiosa na sociedade brasileira e seu histórico de atuar em diferentes esferas, inclusive a de saúde pública, os casos aqui estudados tornam-se ainda mais relevantes.

DESINFORMAÇÃO NA PANDEMIA: DA DESCONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES AO DESCRÉDITO NA CIÊNCIA

Ainda que a desinformação tenha marcado o cenário político e de saúde de diversas nações, tais como Estados Unidos (KRAFFT; DONOVAN, 2020), Alemanha (ZIMMERMANN; KOHRING, 2020) e Índia (DAS; SCHROEDER, 2020), há um contexto importante no caso brasileiro que precisa ser considerado, se não como variável explicativa, ao menos como associada. Dentre os diversos pontos, cita-se o processo de polarização política que tem como ponto de inflexão as manifestações de 2013, quando se tem a conjunção de múltiplos atores de interesses distintos e insatisfeitos distribuídos entre petistas e antipetistas (TATAGIBA; GALVÃO, 2019). Costa (2019) mostra como a junção entre insatisfação econômica, avaliação de

lidam com o mundo que não é religioso e/ou não compartilha de sua crença”. Aponta-se como exemplo os religiosos que ascendem à categoria de celebridades, tais como Pastor Silas Malafaia e Padre Fábio de Melo.

programas sociais, aumento do antipetismo, maior distanciamento entre ricos e pobres e operações como a Lava Jato levam a uma maior polarização ao longo do tempo. Isso corrobora com a criação das bolhas e a diminuição do tráfego discursivo, já que nos respectivos grupos o consumo se direciona para a confirmação de crenças, com menor verificação das informações. Essa percepção de divisão está presente entre os próprios brasileiros que se veem em um país dividido (IPSOS, 2018).

Além disso, há uma crise de confiança nas instituições políticas ao redor do mundo, na qual o Brasil se insere (BAQUERO; CASTRO; RANINCHESKI, 2016). Historicamente, o brasileiro tem demonstrado menor confiança e credibilidade especialmente no que diz respeito aos partidos políticos e ao congresso nacional (DATAFOLHA, 2019). Além disso, a preferência pela democracia também passou a ser questionada pelos cidadãos (VALORES EM CRISE, 2020). Segundo Miguel (2019), a imprensa tem um papel central neste processo de desconfiança, pois age de forma a contribuir com tal cenário quando, por exemplo, personaliza as disputa, apaga os partidos e noticia decisões apressadas. E, ao ter instituições representativas com pouca legitimidade, abre-se espaço para outros grupos difundirem informações e substituírem o elo com os cidadãos.

Além de a imprensa contribuir para a crise institucional, há também uma crise interna, do próprio jornalismo (TAVARES, 2020; ALBUQUERQUE, 2020; CORREIA, 2019). Os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (2015) mostram a baixa confiança nas informações advindas da imprensa (jornais, rádio e TV), sendo que de 2012 e 2019 também houve diminuição desses números que nunca passaram muito de 30% (DATAFOLHA, 2019). Segundo Mick (2020), as instituições jornalísticas também atravessam o mesmo desgaste de outras instituições, são acusadas de práticas inadequadas e dividem agora espaço com as *fake news*. Alves e Albuquerque (2019, p.1) reforçam que com o ambiente digital, especialmente com as redes sociais, houve um “rearranjo do estatuto da visibilidade no sistema midiático híbrido”. Desse modo, perde espaço a imprensa tradicional e ganham mais espaço outros agentes, havendo uma mudança das instituições mediadoras do debate público.

Ao mesmo tempo, tem-se a iminência de uma crise da ciência que deixa de ser vista como instituição de referência, responsável por organizar as noções de verdade em

momentos de conflitos. Segundo Signates (2013), a ciência perpassa por três crises – de verdade, social e das disciplinas – o que seria um processo bastante complexo do ponto de vista epistemológico. Esta é, no entanto, também uma crise institucional onde há uma disputa de sentido sobre a verdade, apropriado por diferentes grupos, heterogêneos e conflitais (CORREIA, 2019). Se, juntamente ao jornalismo, as instituições científicas sempre foram vistas como referência sobre o que estaria mais próximo da verdade, esta relação se perde na medida em que a confiança é diluída também nesta instância. Como se trata de uma crise interna também, tem sido recorrente o termo *fake science* (OLIVEIRA; QUINAN; TOTH, 2020), p. 93), as quais “derivam de uma disputa sobre a desinformação que não surge de agentes externos ao sistema, mas está associada a uma rede complexa que envolve conflitos de interesse e declínio da credibilidade das instituições produtoras de conhecimento e de verdade”. É o que ocorre com o movimento antivacina que nasceu a partir da própria academia, após a publicação de um artigo na revista *The Lancet*. No entanto, a situação é complexa e mesmo depois que pesquisas comprovaram a eficiência das vacinas e descartaram a relação com síndromes como o autismo, é um desafio desfazer o que foi dito pela mesma ciência décadas antes (TEIXEIRA; SANTOS, 2020).

Ainda que as pesquisas indiquem que médicos e instituições de saúde lideram a confiança das informações sobre a COVID-19 (EDELMA TRUST BAROMETER, 2020), o descrédito tem se intensificado e aparecido com frequência nos questionamentos dos cidadãos. Desde o conhecido caso que desencadeou o movimento antivacina (MILLÉO; QUADROS, 2020), o descrédito na ciência, especialmente na área da saúde, é reforçado por casos recentes como aqueles que envolveram a rejeição à vacina contra a Influenza H1N1, o HPV e a febre amarela (SACRAMENTO, 2018). Isso não tem sido diferente com o cenário da pandemia, em que a vacina tem rejeição de 22% da população brasileira, havendo ainda diferença no que diz respeito à sua origem, o que está associado especialmente à vacina produzida pela Sinovac, na China (DATAFOLHA, 2020). Ainda que outros fatores possam estar envolvidos nestes resultados, ressalta-se que quando autoridades públicas contrariam a ciência a partir de seus discursos, corroboram com a diminuição da confiança dos cidadãos neste ator de referência.

Esse último ponto está relacionado às teorias conspiratórias – outro fenômeno concomitante – que se destacam justamente porque há uma “crise epistemológica que resulta da relação problemática dos indivíduos com as instituições modernas” (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019, p. 102) e que vêm para disputar as noções de verdade com as tradicionais comunidades epistêmicas (OLIVEIRA, 2020). Trata-se, segundo Silva (2010), de informações fantasiosas que contrariam as informações oficiais, havendo ceticismo em relação às instituições tradicionais e que propõem outra forma de interpretação dos acontecimentos, quase sempre com acusações de que há um grupo de conspiradores agindo em segredo e com planos secretos. E, ainda que haja poucas evidências, as pessoas são atraídas pelas informações como se elas solucionassem ou desvendassem facilmente um enigma (SILVA, 2010). Esse tipo de conteúdo, além disso, encontra espaço no ambiente online (SILVA, 2010; OLIVEIRA, 2019), especialmente no YouTube (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019) porque a checagem de informação é menos controlada e os vídeos são usados como forma de comprovação de argumentos. No período da pandemia de COVID-19, as teorias conspiratórias são facilmente associadas à vacina, à China, à relação com os Estados Unidos, entre outras questões que aparecem, inclusive, nos vídeos a serem analisados neste artigo.

Dessa forma, com a crise de confiança das instituições tradicionais epistêmicas e o contexto propenso à circulação de discursos que corroboram crenças e convicções mais que informações cientificamente comprovadas, tem-se um ambiente marcado pela desinformação (BENNET; LIVINGSTON, 2018) que atinge não apenas períodos eleitorais, mas também contextos que envolvem a saúde pública (HARPER et al, 2020; TEIXEIRA; COSTA, 2020). Para Wardle e Derakhshan (2018), a desordem informativa é composta por três tipos de conteúdos distintos: *mis-information*, *des-information* e *mal-information*. Neste artigo, no entanto, interessa-nos mais o contexto desinformativo em todas as suas possibilidades do que cada um dos eixos, pois parte-se do pressuposto de que os canais analisados colocam em circulação informações que perpassam por elementos distintos – desde aquelas que se encaixam no conceito de *fake news* (DOURADO, 2020) e que vão além até mesmo da *desinformation* (aquilo que pode não ser totalmente falso, mas que também há intencionalidade de prejudicar). O cenário da

pandemia propiciou a circulação não apenas de conteúdos totalmente fabricados, mas também teorias da conspiração, falsos contextos e discursos de ódio a outras nações. Ou seja, a desordem informativa é complexa, o que será perceptível na relação entre pandemia e religião a ser analisada.

A dificuldade de discernir sobre o que é falso e/ou não é baseado na ciência se potencializa quando há um grande fluxo de informações circulando a partir do ambiente online, no qual há diversos agentes produzindo conteúdo, mesclando novas e velhas lógicas em um sistema híbrido de comunicação (CHADWICK, 2007). Pesquisas recentes mostram que as redes sociais – entre elas o YouTube, o WhatsApp, o Facebook e o Twitter – têm um papel fundamental, inclusive atuando de forma articulada, para a disseminação de conteúdos que contribuem para a desinformação dos cidadãos, tanto no Brasil (RECUERO; SOARES, 2020; GOMES, DOURADO, 2018; TEIXEIRA; COSTA, 2020; SACRAMENTO; PAIVA, 2020) quanto em outros países (LUKITO, 2020; KELLER et a, 2020).

Uma diferença, no entanto, é que aquilo que muitas vezes ficava restrito às disputas eleitorais – como ocorre nos Estados Unidos em 2016 e no Brasil em 2018 – ganhou nova dimensão com a pandemia. Ou seja, a desinformação política passou a dividir espaço com a desinformação sobre saúde, sendo que as redes sociais digitais seguem sendo o caminho prioritário. Uma pesquisa da Fiocruz (2020) mostrou que 10,5% das notícias falsas sobre a pandemia foram publicadas no Instagram; 15,8% no Facebook e 73,3% circularam pelo WhatsApp – o que levou esse último a restringir o compartilhamento de mensagens. Da mesma forma, o Facebook passou a remover conteúdos e alertar sobre fontes seguras de informação.

Neste caso, além da desestabilização da democracia (BENNET; LIVINGSTON, 2018), há impactos nas políticas de saúde pública (SACRAMENTO, 2018). Esse contexto desinformativo e de descrédito na ciência levou, por exemplo, a uma queda na imunização da população e dados da Organização Mundial da Saúde (2018) apontam para o aumento de casos de doenças em todo o mundo, impulsionados pelo baixo índice de imunização⁷. Teixeira e Costa (2020, p. 74) alertam que as *fake news* colocam a vida

⁷ Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/casos-de-sarampo-e-poliomelite-aumentaram-em-todo-o-mundo-diz-relatorio-da-oms.ghtml>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

em risco porque “ganham ares de verdade na medida em que se alimentam (e causam o incentivo) da desconfiança da população na medicina convencional e nas instituições da saúde mantidas pelo Estado”.

Diversas pesquisas já identificaram os principais discursos que envolvem a desinformação sobre saúde, algumas já observando o cenário da COVID-19. Em relação ao coronavírus, embora os conteúdos falsos envolvam diversas teorias da conspiração e uma ampla gama de narrativas, Fuchs (2020) identifica dois tipos principais: a) sobre a origem do vírus; e b) sobre como o vírus é contraído e pode ser combatido. No contexto da febre amarela, percebe-se também que narrativas de experiências pessoais substituem a confiança nas instituições (SACRAMENTO, 2018). Há também a ênfase na busca de culpados, crítica à alguma instituição, geração de pânico e reciclagem de informações antigas (TEIXEIRA; COSTA, 2020). Machado et al (2020) também indicam que a desinformação sobre a pandemia é marcada pelas teorias conspiratórias, atuação das redes religiosas (a exemplo dos canais aqui estudados: Pastor Silas Malafaia e Instituto Plínio Corrêa de Oliveira) – que associam a doença com elementos cristãos – e por pessoas que usam da credibilidade da medicina para fazer negócios (a exemplo de cursos vendidos por médicos para melhorar imunidade, como encontrado no canal do Dr. Gabriel Azinini). Há uma tentativa de substituir a medicina tradicional por elementos naturais.

Se as instituições modernas e tradicionais estão em crise na sua relação com os cidadãos, em contrapartida, novos agentes ganham destaque no ambiente online e off-line de forma organizada (ALVES, ALBUQUERQUE, 2019). E, disputando espaço com as instituições tradicionais epistêmicas aparecem, então, os agentes ligados a distintas religiões – tais como aqueles estudados neste artigo – que migram para o ambiente online, criam suas páginas e seus canais – a partir da midiaticização do campo religioso (MARTINO, 2014). Assim tornam-se líderes de opinião que influenciam outros usuários devido à sua reputação social (RECUERO; SOARES, 2020). Isso ocorre no caso da pandemia em que os vídeos analisados receberam milhares de visualizações, sendo ainda compartilhados por outras redes sociais. Muitos dos conteúdos, no entanto, não possuem qualquer evidência científica, há diversas críticas às medidas regulamentadas para combate à doença e ataques a instituições científicas, o que dialoga

com o contexto da desinformação. Neste sentido, há indicadores que demonstram um estreitamento entre desinformação e religião que pode ser analisado à luz da literatura, como propõe este artigo. Além disso, outras pesquisas também já mostraram evidências nas reações dos cidadãos sobre a força da religião em contrapartida a dados científicos (SACRAMENTO; PAIVA, 2018) e a associação entre discursos religiosos e teorias conspiratórias (OLIVEIRA, 2018). Ou seja, esta imbricação não se restringe à pandemia.

IPCO E SILAS MALAFAIA OFICIAL: EXEMPLIFICANDO O ARGUMENTO NO YOUTUBE

Os canais do YouTube Silas Malafaia Oficial e Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), escolhidos a partir do destaque referido no estudo de Machado et al. (2020), apresentam em comum, além do ano de criação dos canais, 2014, a publicação de diversos conteúdos a respeito da pandemia do COVID-19, ao longo do ano de 2020, associando-os a pautas religiosas. Por outro lado, a escolha se deu por apresentarem conteúdos com alta visibilidade em função do alcance que possuem e por representarem duas correntes distintas da atuação religiosa: católicos e evangélicos. Destaca-se que a distinção do perfil dos canais também permite compreender as variações da intersecção levantada neste artigo.

O IPCO, canal composto por católicos, possui 152 mil inscritos, somando 8 milhões de visualizações e 635 vídeos publicados (números de dezembro de 2020). Possuem em sua descrição do YouTube que são uma associação fundada em janeiro de 2006 por um grupo de discípulos de Plínio Corrêa de Oliveira, líder católico brasileiro e autor do livro “Baldeação Ideológica Inadvertida e Diálogo”. Eles têm como principal objetivo “preservar os pilares básicos da Civilização Cristã ameaçados pela Revolução anti-cristã. Em defesa da família tradicional; da vida humana inocente; da propriedade privada e da livre iniciativa!”.



Figura 1 - Capa da página Instituto Plínio Corrêa de Oliveira do YouTube⁸



Fonte: Captura de tela do YouTube

Os vídeos do canal são apresentados por diversas pessoas, mas alguns sujeitos se destacam, como Frederico Abranches Viotti, pesquisador na área da História da Igreja e de apologética católica, e Príncipe D. Bertrand de Orleans e Bragança, Príncipe Imperial do Brasil, ambos são autores no IPCO⁹. Os vídeos se diversificam também nos cenários, ora são gravados em ambientes privados, como escritórios, ora em ambientes públicos, como as caravanas realizadas pelo Terço Público. Incluem-se também vídeos dublados ou legendados de canais de outros países que tratam sobre assuntos que consideram pertinentes aos seus inscritos.

Figura 2 - Capa da página Silas Malafaia Oficial do YouTube¹⁰



Fonte: Captura de tela do YouTube

Já o canal Silas Malafaia Oficial apresenta vídeos majoritariamente com a presença do pastor. Com mais de 1,25 milhões de inscritos, Malafaia ostenta uma rede com elevado número de visualizações, 118 milhões, distribuídos em 1.321 vídeos

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/caravanaipco>.

⁹ Disponível em: <https://ipco.org.br>.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/SilasMalafaiaOficial>.

publicados (números de dezembro de 2020). Há mais de 35 anos presente nas televisões brasileiras com o Programa Vitória em Cristo, Malafaia se descreve como “incansável pregador do evangelho”. A partir de discursos incisivos e, por vezes, arbitrário, o pastor aborda temas relacionados à religião e política nacional. Os cenários de seus vídeos distribuem-se entre o privado, escritório, e o público, a exemplo das pregações em sua igreja, Assembleia de Deus Vitória em Cristo.

UM TESTE EMPÍRICO DA INTERSECÇÃO ENTRE DESINFORMAÇÃO E RELIGIÃO

A partir dos dados levantados nos vídeos, buscou-se mapear as principais narrativas quando o assunto era a pandemia de COVID-19. Como será visto a seguir, foram elaboradas 11 narrativas que poderiam aparecer de forma concomitante. Embora nem todas demonstrem claramente elementos de desinformação, dão conta de compreender diversos posicionamentos que contribuem ao contexto no qual se proliferam os conteúdos desinformativos. Dos 75 vídeos, apenas quatro deles não apresentaram nenhuma delas, ou seja, começamos a desenhar um cenário no qual líderes e entidades religiosas se mostram não apenas engajados no tema – por conta da produção dos 75 vídeos – diretamente relacionados à pandemia.

A tabela seguinte (tab.1) indica a presença – no geral – de todas as narrativas elencadas. Dentre todas chama a atenção algumas que aparecem em quase metade dos casos – como crítica à imprensa (45,1%) e associação à ideia de pânico/exagero em relação ao coronavírus (53,5%) e a presença de teorias conspiratórias (53,5%). Como salientado por Albuquerque e Quinan (2019), as teorias conspiratórias ganharam evidência e parecem usar o YouTube como espaço de proliferação, já que aqui também tornam-se muito visíveis nos discursos atrelados à religião. Dentre os argumentos, neste caso, estão a guerra psicológica, a ditadura do pensamento único, o projeto de descristianização a pretexto do coronavírus, a presença de uma nova ordem mundial, o vírus como uma ameaça do comunismo, uma mudança da civilização pelos profetas do apocalipse entre outras. As narrativas trazem argumentos que se encaixam com a ideia de Silva (2010), sinalizando para um projeto altamente coordenado e que é regido em segredo.

Na sequência aparece a crítica à imprensa que, embora não seja exatamente um fator de desinformação, contribui para o cenário no qual é deslegitimada por outros agentes, o que corrobora para o baixo nível de confiança dos cidadãos. Neste caso, os argumentos são de acusação de provocar o caos, de que não mostram os curados e de que há desmoralização e perseguição de Bolsonaro. Salienta-se que esta visão da imprensa como persecutória de atores políticos não é exclusividade dos grupos religiosos. Todavia, o reforço empreendido por eles, num contexto pandêmico, beneficia a esfera desinformativa e de relativização da gravidade do vírus. Há, inclusive, a ideia propagada de que com as redes sociais é possível mostrar o que a imprensa não mostra. Além disso, há aconselhamento para que deixem de acompanhar alguns canais e jornais, porque houve uma politização do vírus. Aqui tem-se também o exemplo no qual o termo *fake news* é usado contra a própria imprensa.

Outra narrativa bastante comum é de que se criou pânico e frenesi em relação ao vírus (53%), o que tende a estar bastante associado à minimização do vírus. Nestes dois casos os argumentos usados são variados, desde “alarme perverso”, terrorismo, paranoia, entre outros. O termo pânico, por exemplo, é muito frequente. Usa-se argumentos para minimizar o vírus, como por exemplo, de que outras doenças matam mais, que a letalidade é menor que a propagada. Há casos nos quais os dados oficiais divulgados são questionados. É importante notar que esses discursos, propagados por influenciadores religiosos, também são recorrentes em outros espaços, tais como em postagens de Twitter muito compartilhadas (RECUERO; SOARES, 2020). Assim, agem como propagadores de conteúdos que muitas vezes se encaixam em conteúdos enganosos, em função das conexões feitas entre conteúdos e afirmações.

A intersecção com a política fica clara não apenas com a frequência de críticas aos governadores e prefeitos, como pelo apoio a Bolsonaro e pela associação ao comunismo e ao socialismo¹¹ (32%). Ou seja, além da intersecção entre desinformação e religião no ambiente digital, tem-se a somatória do eixo político. Partindo da discussão trazida por Mendonça e Freitas (2019), a desinformação tende a ser compreendida como uma ação política, na qual há um confronto e importa mais fortalecer agendas do que a

¹¹ As críticas ao comunismo e socialismo são por natureza posições políticas e não precisamente de desinformação. Entretanto, no contexto pandêmico, no qual se produziram os vídeos analisados, estas posições aglutinam-se às narrativas desinformativas, uma vez que se sugere que a crise sanitária é a verdade política e o vírus seria uma ferramenta dos comunistas para alterar o sistema vigente.

checagem sobre o que é falso ou verdade. E essa inclusão da política no debate religioso sobre a COVID-19 parece fortalecer essa proposta em que a checagem das narrativas importa menos do que seu papel político.

Tabela 1 – Narrativas comuns nos vídeos dos dois canais

Narrativas predominantes	N de casos	% de casos
Crítica aos gov. estaduais/municipais	17	23,9%
Elogio ao gov. Bolsonaro	19	26,8%
Crítica ao fechamento das igrejas	23	32,4%
Crítica ao <i>lockdown</i> /quarentena	28	39,4%
Minimização do vírus	31	43,7%
Crítica à imprensa	32	45,1%
Associação à ideia de pânico/exagero	38	53,5%
Crítica ao socialismo/comunismo	23	32,4%
Teorias conspiratórias	38	53,5%
Menção à China	19	26,8%
Descrédito ciência	15	21,1%

Fonte: autoras (2020)

A descrença direta em relação à ciência aparece em pouco mais de 20% dos vídeos, ou seja, não se trata de uma narrativa central. Os principais argumentos usados são contra profissionais da área médica e descrédito aos dados sobre picos da doença, mas aparecem também afirmações de que a fé e a religião são a solução e que vivemos em uma era “cientifista”¹², o que é dito de forma pejorativa. No entanto, é importante ressaltar que indicações médicas são deslegitimadas também de forma indireta em outros momentos quando há críticas ao *lockdown*, por exemplo, o que foi bastante frequente (39%), mesmo que neste caso os argumentos eram em prol da economia e para evitar um caos maior. E disputando a noção de verdade com a ciência também

¹² Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=Os92ZgNDZKY>.

estão as teorias conspiratórias, estas também mencionadas com ênfase pelos influenciadores religiosos como já dito acima.

No geral, algumas dessas narrativas e seus argumentos foram mais recorrentes. No entanto, percebeu-se também diferença entre os canais, o que mostra a complexidade desta imbricação porque a desinformação ganha especificidades em cada um deles, embora algumas narrativas sejam recorrentes em ambos. Malafaia enfatiza críticas aos governos (50%), oferece apoio e elogios a Bolsonaro (42%), acirrando a polarização política. Seus vídeos também reforçam crítica à quarentena e à imprensa. Por outro lado, nos vídeos do IPCO o destaque em relação à Malafaia se dá por conta da ênfase nas teorias conspiratórias (75%), mas principalmente por concentrar majoritariamente as críticas ao socialismo e ao comunismo, mais uma vez destacando a ênfase política do debate sobre a COVID-19 nos dois canais.

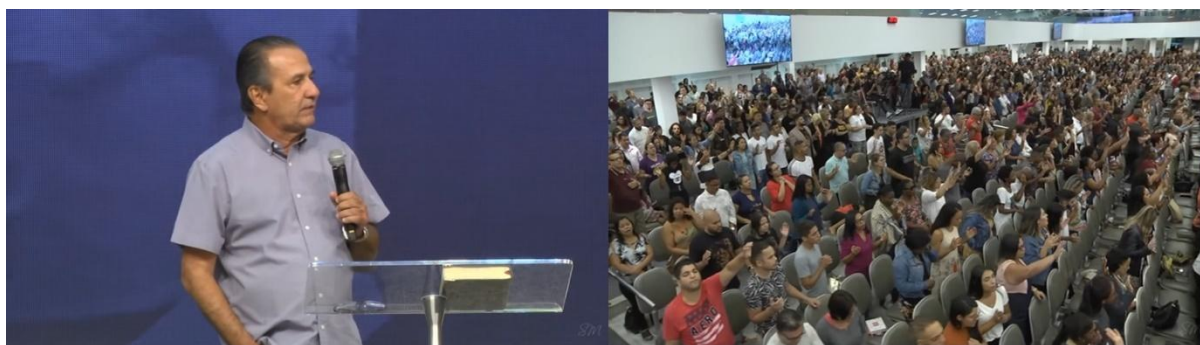
Tabela 2 – Comparação do uso das principais narrativas

Narrativas predominantes	Instituto Plínio Corrêa de Oliveira		Silas Malafaia Oficial	
	N de casos	% de casos	N de casos	% de casos
Crítica aos gov. estaduais/municipais	4	8,9%	13	50,0%
Elogio ao gov. Bolsonaro	8	17,8%	11	42,3%
Crítica ao fechamento das igrejas	14	31,1%	9	34,6%
Crítica ao <i>lockdown</i> /quarentena	13	28,9%	15	57,7%
Minimização do vírus	18	40,0%	13	50,0%
Crítica à imprensa	17	37,8%	15	57,7%
Associação à ideia de pânico/exagero	21	46,7%	17	65,4%
Crítica ao socialismo/comunismo	22	48,9%	1	3,8%
Teorias conspiratórias	34	75,6%	4	15,4%
Menção à China	14	31,1%	5	19,2%
Descrédito ciência	11	24,4%	4	15,4%
Total	176	391,1%	107	411,5%

Fonte: autoras (2020)

De forma mais detalhada, sobre as distinções e similaridades encontradas nos canais (tab.2), vemos que as enfáticas críticas aos governos estaduais e municipais, são proferidas majoritariamente por Silas Malafaia e relacionam-se à desaprovação à quarentena e ao fechamento de igrejas. O pastor afirma que sempre foi contra a quarentena, usando termos como: “quarentena de araque”, “só serviu para safadeza e roubalheira”, indicando que se o transporte público funciona lotado, as igrejas deveriam permanecer abertas, conforme anunciou diversas vezes em seus conteúdos. Um exemplo é o vídeo intitulado “Pastor Silas ao vivo falando sobre culto e a questão do coronavírus”¹³, publicado em 20 de março de 2020, no qual o pastor afirma, em meio a uma igreja lotada (ver Figura 3) que “a nossa igreja vai ficar de portas abertas, eu não vou fechar a igreja coisíssima nenhuma”. Esta recorrência em criticar governos locais, contrariando suas medidas de distanciamento, reiteram a já existente crise de confiança pela qual passam as instituições públicas (BAQUERO; CASTRO; RANINCHESKI, 2016), neste caso com o agravante de potencializar esta crise institucional, incluindo a área da saúde.

Figura 3 – Vídeo “Pastor Silas ao vivo falando sobre culto e a questão do coronavírus”



Fonte: Captura de tela do YouTube

Por outro lado, no âmbito da crítica à suspensão de atividades eclesiais presenciais, os dois canais se aproximam. Nota-se que o IPCO criou um abaixo assinado

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kAxzqsTn5is>.

solicitando a abertura das igrejas no país, angariando mais de 10 mil assinaturas¹⁴, além de realizar caravanas ao redor do país com o Terço Público, no qual pede a proteção divina contra o coronavírus e o socialismo, sendo tudo isso transmitido pelo canal. Com as igrejas fechadas, estas ações ocorrem normalmente em ambientes públicos, com a presença dos integrantes do IPCO e simpatizantes do evento, a exemplo do ocorrido em junho de 2020, na Avenida Paulista, em São Paulo¹⁵ (ver Figura 4). Viotti, vestindo sua máscara no queixo em meio a diversos seguidores, declara que “não é normal a pessoa achar que ir à padaria é justificável, ir ao supermercado para comprar carne ser mais importante do que receber o corpo, sangue, alma e divindade de nosso Senhor Jesus Cristo”. O religioso equipara a necessidade do pão do corpo e pão do espírito, mesmo que para obter este último os fiéis precisem se arriscar em meio a uma pandemia altamente contagiosa.

Ações como estas, contrárias ao distanciamento, vão ao encontro dos discursos do Presidente da República, Jair Bolsonaro, o qual também foi hostil à quarentena, divergindo inclusive das orientações do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (UOL, 2020). Logo, ele foi poupado de críticas em ambos os canais, sendo apoiado em suas decisões, principalmente por Malafaia, que se destacou nesta categoria. No geral, ambos os canais lembravam do decreto confirmando atividades religiosas como essenciais em tempos de calamidade pública (O GLOBO, 2020). Observa-se aqui o claro entrelace e instrumentalização entre política e religião (MARIANO, 2011). Vale ressaltar ainda que essa associação entre discurso político e desinformação também foi perceptível no Twitter analisado por Recuero e Soares (2020). Neste contexto com a adição do eixo religioso o presidente consolida a importância das igrejas e, em contrapartida, os religiosos reforçam seus discursos anti-quarentena.

¹⁴ Disponível em: <https://campanhas.ipco.org.br/abaixo-assinado-apelo-aos-bispos-do-brasil-para-que-abram-as-igrejas-1>.

¹⁵ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=qLqsEI0y-gk>.



Figura 4 – Vídeo “Ao Vivo – Av. Paulista Terço Público”



Fonte: Captura de tela do YouTube

A crítica à imprensa, presente nos dois canais, se dá a partir do argumento de que não mostram os dados corretos sobre a pandemia, principalmente o baixo índice de letalidade. Esta, segundo os religiosos, seria uma suposta forma de propagação do caos. Malafaia, novamente com destaque proporcional nesta categoria, se sobressai por incluir o fator político em suas críticas. O pastor afirma que a imprensa mente, pois “virou partido político contra Bolsonaro”, “mostra apenas terror, não curados”, incluindo também chamadas para ação, dizendo para que “repassem esse vídeo para desmoralizar essa imprensa sectária”¹⁶. Esse tipo de argumento intensifica o desgaste vivenciado pelas instituições jornalísticas (MICK, 2020) e corrobora com a perda de referência do jornalismo como fonte de informação sobre temas de interesse público.

Enquanto Malafaia faz o imbricamento direto entre governantes e coronavírus, por meio de frequentes ataques à imprensa e aos governos locais, a página do IPCO se diferencia pelo frequente uso de teorias conspiratórias associadas ao comunismo. Afirmam que a pandemia do COVID-19 é pretexto para uma dita “guerra psicológica comunista”¹⁷, que envolve um projeto de “descristianização do ocidente”¹⁸. Segundo Frederico Viotti, “não se trata apenas de um vírus que ameaça a vida humana, há uma ideologia que está ameaçando a nossa civilização”¹⁹.

¹⁶ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=vEw6KhMx1Gc>

¹⁷ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=qLqsEI0y-gk>

¹⁸ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=Duh18et7D5k>

¹⁹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=i34FVz4DRLw>

Neste contexto, vemos a declaração sobre o coronavírus ter sido criado em laboratório pela China²⁰, o “comunavirus²¹”, com ênfase a informações que descredibilizam outras nações. Ainda que indiquem o fato desta concepção não ser amplamente aceita, ou fundamentada, confirmam que é a opinião por eles aceita. Tal pensamento elucida a teoria de “ditadura do pensamento único”²² pregada no canal, pois repetem que a sociedade não abre mais espaços para contestações. Todavia, aqui a discordância não se limita ao discurso religioso conspiracionista (OLIVEIRA, 2018), ela se intersecciona ao campo de saúde pública, no qual supõe-se um debate com rigor científico em que não deveria haver espaços para “achismos” ou “opiniões”. Mas, mesmo no cenário de crise na saúde, há disputa por verdades.

Embora os dois canais sejam avessos à quarentena, ambos confirmam a existência do vírus e afirmam que os fiéis devem seguir as normas da saúde, ainda que isso seja dito de forma generalista. E cabe sublinhar que estas afirmações são usualmente seguidas por uma relativização sobre a gravidade da pandemia, afirmando que os fiéis não devem sucumbir ao pânico, pois o vírus “é grave, mas outras doenças também são”²³ e alegam que há elementos piores que ele: o socialismo para o IPCO e a politização para Malafaia. Nota-se, também, um cuidado em ambos os canais em mostrar dados e falas de médicos para legitimar seus discursos anti-quarentena e desqualificar medidas oficiais, o que nos remete à crise da ciência e suas disputas internas (OLIVEIRA; QUINAN; TOTH, 2020). Ainda que os religiosos proclamem que não são inimigos da ciência, a criticam e subestimam com frequência, a exemplo inclusive de críticas à OMS. Discursos que descredibilizam a ciência e suas instituições

²⁰ Atenta-se que a atribuição da culpa pela crise sanitária à China não é particularidade de grupos religiosos ou de políticos brasileiros. Porém, a declaração dos religiosos reitera narrativas conspiratórias e minimiza, por vezes, a gravidade sanitária do vírus, uma vez que ele passa a ser compreendido como um problema mais político do que de saúde pública.

²¹ Note-se que o termo “comunavirus” também foi divulgado pelo então Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, em seu blog “Metapolítica” e página pessoal do Twitter, no dia 22 de abril de 2020. Ver em: <https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1252811093405122566>.

²² Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=CzrVTtGiteM>, <https://www.youtube.com/watch?v=IjCKmwzBRg4>.

²³ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXBU-AfsWdQ>, <https://www.youtube.com/watch?v=F0-ndT9NnNY>, <https://www.youtube.com/watch?v=ZITurZ5MKOM>, <https://www.youtube.com/watch?v=y-PnBG8t33c>.

aparecem em 20% dos vídeos do IPCO e em 15% dos de Malafaia, não sendo o carro chefe de nenhum.

Por fim, os conteúdos aqui analisados mostram como o discurso religioso estende-se à área de saúde pública, sendo especialmente potencializado pelos seus vínculos políticos e midiáticos (MARTINO, 2017). Esta intersecção tem o potencial de acentuar ainda mais a polarização vivenciada (COSTA, 2019) e percebida pelos brasileiros (IPSOS, 2018), uma vez que encontramos conteúdos que antagonizam cristãos *versus* comunistas, governo federal *versus* estadual e municipal, abertura das igrejas *versus* quarentena. Trata-se de uma disputa por verdades que questiona as instituições que historicamente foram referências aos cidadãos e que aparenta estar mais interessada em questões políticas do que com a saúde da população, o que se torna crítico face à gravidade da pandemia do COVID-19 e o alto índice de confiança que os grupos religiosos ostentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar uma relação entre religião e desinformação a partir do contexto da pandemia, tendo como foco o modo como canais do YouTube de influenciadores religiosos contribuem para a desordem informativa a partir das narrativas e argumentos apresentados nos materiais audiovisuais. Para tanto, foram analisados 75 vídeos com base em diversas narrativas elaboradas conforme a literatura e de uma observação prévia aos materiais, dando atenção para o discurso desses vídeos. Os principais resultados indicam que elementos associados e próprios da desordem informativa (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) são bastante presentes nos conteúdos codificados, no entanto alguns elementos são prioritários e há diferenças entre os canais a partir de narrativas que são distintas, com argumentos que se distanciam entre si.

Outro ponto importante que se nota nos vídeos é a imbricação entre as esferas religiosa, política e de saúde pública. No entanto, enquanto Malafaia a enfatiza no contexto nacional, no IPCO a vemos num contexto global. O coronavírus é compreendido como um elemento perigoso por ambos, não por sua letalidade, mas pelo potencial de ser uma arma utilizada por seus antagonistas: a imprensa ou comunismo. Além disso, os vídeos analisados revelam que, por vezes, o discurso religioso não é o destaque das publicações, mas sim as teorias conspiratórias, as quais resistem às

informações divulgadas por fontes científicas confiáveis. A desinformação que enfatiza supostos vieses ideológicos aproveitando a pandemia para afastar fiéis das igrejas também tende a ser frequente. Vemos como os influenciadores analisados se unem aos representantes políticos que lhes convém e criticam os demais, acirrando polarizações e minimizando a crise sanitária causada pela COVID-19, o que evidencia ainda mais o aspecto político do ambiente desinformativo com narrativas da desinformação sendo usadas como tática de ação política, os atores religiosos emprestam sua credibilidade eclesiástica e ignoram a credibilidade científica, agregando sua narrativa ao contexto político polarizado (MENDONÇA; FREITAS, 2019).

Cabe reforçar que até mesmo seus pares religiosos são contestados, ou seja, aqueles que pensam diferente e acatam o fechamento de igrejas, por exemplo. Todos que diferem de suas verdades são depreciados – os chamados profetas do caos, nas palavras de Malafaia e a esquerda católica para o IPCO. Desse modo, este espaço que não permite diálogo – nem mesmo entre seus semelhantes – e propaga teorias conspiratórias junto aos conflitos políticos reforçados, em contraposição às recomendações dos órgãos de saúde, o que vai ao encontro do alerta de Teixeira e Costa (2020), sobre a potencial ameaça à vida causada pela desinformação, sobretudo neste contexto que intersecciona religião e pandemia. O maior problema, como já apontado na abordagem teórica é que se tem um contexto bastante complexo no qual propaga-se a desinformação e, ao mesmo tempo, por conta do peso da religião no cenário brasileiro, as informações ganham status de verdade porque assim são recebidas e interpretadas pelo público.

Vale ressaltar, por fim, que outros conteúdos podem ter ficado de fora do *corpus* do artigo por conta do recorte das palavras-chave (covid, coronavírus e pandemia) presentes no título ou *teaser* dos vídeos, mas que esses materiais considerados já permitem a sustentação do argumento exposto, no qual a aproximação da religião com o cenário da pandemia nem sempre trouxe contribuições para a dimensão informativa qualificada. Ao contrário, nestes casos analisados, vários elementos que compõem a desordem informativa se fazem presentes e mostram que os influenciadores advindos do campo religioso, contribuem para este contexto delicado no cenário da pandemia,

principalmente ao contrariarem a ciência, de forma direta e indireta, como fazem ao questionarem dados e permitirem associações descontextualizadas.

Antes de terminar, destacamos que o artigo analisa somente dois canais, o que não dá conta de todas as religiões e perspectivas em relação ao assunto. Assim novas e mais amplas pesquisas podem ser feitas futuramente. Por outro lado, mais do que fazer qualquer tipo de generalização em relação a todos os canais – o que este trabalho não permite –, buscou-se dimensionar narrativas e argumentos que se juntam em espaços de grande circulação de conteúdo, como o YouTube, chegando a públicos diversos por meio das recomendações da própria plataforma e a partir de outras redes sociais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso. O discurso das fake news e sua implicação comunicacional na política e na ciência. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 1, p. 184–198, 2020.

ALBUQUERQUE, Afonso; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “professor terra plana”. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 83–104, 2019.

ALENCAR, Gedeon F. Jair Messias Bolsonaro: o “eleito” de Deus? **Revista Brasileira de História das Religiões**, n. 37, p. 161–175, 2020.

ALVES, Mércia; CASSOTTA, Priscilla Leine. Políticos de Deus: análise das campanhas de evangélicos eleitos para Deputado Federal por São Paulo (2010, 2014 e 2018). **Revista Debates**, v. 14, p. 36–59, 2020.

BAQUERO, Marcello; CASTRO, Henrique C.; RANINCHESKI, Sônia M. (Des)confiança nas instituições e partidos políticos na constituição de uma democracia inercial no Brasil: o caso das eleições de 2014. **Política & Sociedade**, v. 15, n. 32, p. 9, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análisis de contenido**. Ediciones Akal: 1991.

BAROMETER, Edelman Trust. **Special report: Trust and the coronavirus**. 2020. Disponível em: https://www.edelman.com.br/sites/g/files/aatuss291/files/2020-04/POR_2020%20Trust%20Barometer%20Brazil%20Report_com%20global_comunicacao_0.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. p. 189-217, 2002.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Desafios Teóricos Para Os Estudos De Religião, Mídia e Cultura na Contemporaneidade. **Espaço e Cultura**, n. 43, p. 5–20, 2018.

BENNETT, W. Lance; LIVINGSTON, Steve. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. **European Journal of Communication**, v. 33, n. 2, p. 122–139, 2018.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa brasileira de mídia: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2015. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CASSOTTA, Priscilla Leine. Uma análise do comportamento dos deputados evangélicos no legislativo brasileiro. **E-Legis - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, v. 9, n. 20, p. 75-101, 2016.
CHADWICK, A. Digital network repertoires and organizational hybridity. **Political Communication**, v. 24, n. 3, p. 283–301, 2007.

CORREIA, João Carlos. O novo ecossistema mediático e a desinformação como estratégia política dos populismos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, p. 23–32, 2019.

COSTA, André Bello Sá Rosas. **Origem, causas e consequências da polarização política**. 2019. xii, 217 f., il. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

DAS, Anupam; SCHROEDER, Ralph. Online disinformation in the run-up to the Indian 2019 election. **Information Communication and Society**, v. 0, n. 0, p. 1–17, 2020.
DATAFOLHA. **Grau de confiança nas instituições**. 2019. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/07/10/9b9d682bfe0f1c6f228717d59ce49fdpci.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. Tese de doutorado (Comunicação), Universidade Federal da Bahia, 2020.

FABRINO, Ricardo; FREITAS, Viviane. Fake News e o repertório contemporâneo de ação política. Congresso Compolítica, Brasília, 2019, **Anais...** Brasília: Compolítica, 2019. Disponível em: http://compolitica.org/novo/wp-content/uploads/2019/05/gt1_mendonca_freitas.pdf. Acesso em: 20 dez 2020.

FUCHS, Christian. Everyday Life and Everyday Communication in Coronavirus Capitalism. **TripleC**, v. 18, n. 1, 2020.

GERARDI, Dirceu André. Parlamentares evangélicos no Brasil: perfil de candidatos e eleitos a deputado federal (1998-2014). Newsletter. **Observatório de elites políticas e sociais do Brasil**, Curitiba, v. 3, n. 14, p. 1-18, nov. 2016.

GfK VEREIN. **Confiança nas profissões 2016 – um estudo da GfK Verein. De bombeiros a políticos.** Nuremberg: GfK Verein, 2016. Disponível em: http://www.gfk.com/fileadmin/user_upload/dyna_content/BR/documents/reports/Trust_in_Professions_2016_Brazil_POR_v1.pdf. Acesso em: 20 dez 2020.

GOLDSTEIN, Ariel Alejandro. **Poder evangélico: Cómo los grupos religiosos están copando la política en América.** 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Marea, 2020.

GOMES, Wilson; DOURADO, Tatiana M. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33–45, 2019.

GOOGLE. **Tendências de consumo.** Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

HARPER, Luke. et al. The battle between fake news and science. **Journal of Pediatric Urology**, v. 16, n. 1, p. 114–115, 2020.

INCT. **A cara da democracia.** 2019. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/a46f9a_05967934746d4ba2b0ef032921bde80c.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

IPSOS. **BBC Global Survey A world divided?** Disponível em: https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2018-04/bbc_global_survey-the_world_divided-2018.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

KELLER, Franziska B. et al. Political Astroturfing on Twitter: How to Coordinate a Disinformation Campaign. **Political Communication**, v. 37, n. 2, p. 256–280, 2020.

KRAFFT, Peaks. M.; DONOVAN, Joan. Disinformation by Design: The Use of Evidence Collages and Platform Filtering in a Media Manipulation Campaign. **Political Communication**, v. 37, n. 2, p. 194–214, 2020.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: An introduction to its methodology.** Sage publications, 2018.

LUKITO, Josephine. Coordinating a Multi-Platform Disinformation Campaign: Internet Research Agency Activity on Three U.S. Social Media Platforms, 2015 to 2017. **Political Communication**, v. 37, n. 2, p. 238–255, 2020.

MACHADO, Caio C. Vieira et al. **Ciência Contaminada: Analisando o Contágio de desinformação sobre coronavírus via youtube.** p. 51, 2020.

MACHADO, Caio; DOURADO, Daniel; SANTOS, João Guilherme; SANTOS, Nina. **Ciência Contaminada**: analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus via YouTube. Salvador: INCT.DD, 2020.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 11, n. 2, p. 238–258, 2011.

MARIANO, Ricardo. O Envolvimento Dos Pentecostais Na Eleição De Collor. **Novos Estudos**, n. 34, p. 92–106, 1992.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. [s.l.] Paulus, 2017.

MEZZOMO, Frank Antonio; ANJOS, Brandon Lopes dos; PÁTARO, Cristina Satiê Oliveira. "A milícia dos remidos marcha impoluta": campanha de evangélicos assembleianos ao legislativo paranaense em 2018. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 67, p. 42–78, 2020.

MICK, Jacques. Profissionalismo e confiança: o curioso caso do país que acredita mais nos jornalistas do que na mídia. **Política & Sociedade**, v. 18, n. 43, p. 242–260, 2020.

MONT'ALVERNE, Camila; MITOZO, Isabele. Muito Além da Mamadeira Erótica: As notícias compartilhadas nas redes de apoio a presidentiáveis em grupos de Whatsapp, nas eleições brasileiras de 2018. **Anais...** Congresso da Compolítica, Brasília, 2019, p. 1 - 25.

NEWMAN, Nic et al. **Reuters Institute Digital News Report 2020**. p. Page 14, 2020.
OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 21–35, 2020.

OLIVEIRA, Thaiane; QUINAN, Rodrigo; TOTH, Janderson Pereira. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de fake sciences ligadas à saúde no Facebook. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 1, p. 90–111, 2020.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. Autoridade Científica Em Tempos de Crise Epistêmica: a circulação de teorias da conspiração em redes sociais. In: Encontro Anual da Compós. 28., 2019, Porto Alegre-RS. **Anais...** Porto Alegre-RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

ORO, Ari Pedro; MARIANO, Ricardo. Eleições 2010: Religião e política no Rio Grande do Sul e no Brasil. **Debates do NER**, n. 16, p. 9–34, 2009.

ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 53-69, 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Eds.). **Religiões em Movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos; BONATO, Massimo. Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. **Revista USP**, n. 120, p. 43–60, 2019.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no congresso nacional e na frente parlamentar evangélica. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 187–214, 2017.

QUADROS, Cláudia; MILLEO, Amanda. Movimento antivacinas na internet: da apropriação e recirculação do jornalismo de saúde ao empoderamento de grupos no Facebook. In: FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ. **Fake news e saúde**. Brasília: Gerência Regional de Brasília, 2020. p. 103-108.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter. **E-Compós**, v. 2, 2020.

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. **Reccis**, v. 12, n. 1, p. 4–8, 2018.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZES**, v. 14, n. 1, p. 79–106, 2020.

SANTOS JUNIOR, Marcelo A.; ALBUQUERQUE, Afonso. Perda da hegemonia da imprensa - a disputa pela visibilidade na eleição de 2018. **Lumina**, v. 13, n. 3, p. 5–28, 2019.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil. **Estudos Teológicos**, v. 37, p. p.47-61, 1997.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 133–148, 2013.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. Religião e política no Brasil. **Latinoamérica**, n. 64, p. 223-256, 2017.

SILVA, Sandra. **Teorias da conspiração: Sedução e Resistência a partir da Literacia Midiática**. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Faculdade de Letras da Universidade de Porto, Porto, 2010.

TATAGIBA, Luciana; GALVAO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). **Opinião Pública**, v. 25, n. 1, p. 63-96, 2019.

TAVARES, C. O papel político do jornalismo. **Compólitica**, v. 10, n. 2, p. 167-192, 23 set. 2020.

TEIXEIRA, Adriana; SANTOS, Rogério Da Costa. Fake news colocam a vida em risco: a polêmica da campanha de vacinação contra a febre amarela no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 1, p. 72-89, 2020.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Report to the Council of Europe**, p. 108, 2017.

ZIMMERMANN, Fabian; KOHRING, Matthias. Mistrust, Disinforming News, and Vote Choice: A Panel Survey on the Origins and Consequences of Believing Disinformation in the 2017 German Parliamentary Election. **Political Communication**, v. 37, n. 2, p. 215-237, 2020.

Recebido em 20 de dezembro de 2020.

Aprovado em 10 de junho de 2021.